

## DOSSIÊ – ARTIGOS

### TRAVESSIAS NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Heloisa Baumgratz Lopes Agostinho<sup>1</sup>

#### Travessias

“Travessias”. Este foi o tema do 7º Encontro com Imagens e Filosofia em 2017, promovido pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem (GEFI), um grupo que acolhe integrantes de várias áreas da educação, que se encontram para estudar com a cartografia uma possibilidade de se fazer pesquisa em educação.

Travessias, cartografias, mapas, país. Apresento neste trabalho a travessia da minha pesquisa em um país: “O País das Maravilhas”. Minha travessia passa por caminhos com imagens, filosofia, literatura, educação e formação de professores.

#### Sonho

Caminho-travessia. Onde? No país. É preciso criar um mapa, cartografar. Para cartografar é preciso caminhar, a-travessar. O que nos interessa é o caminho, o caminhar, fazer a travessia. Nosso mapa não está pronto, estamos cartografando, construindo, esculpindo, sonhando.

Estamos sonhando? Qual nosso sonho? Este é um sonho que se faz presente, e tem se construído com a possibilidade de uma pesquisa em educação. Quais os rumos essa pesquisa pode ter? Alguns deles podemos seguir: imagens, filosofia, literatura, educação e formação de professores. Não sabemos onde é o lugar; ou, como chegar? Estamos traçando o caminho. Criando nossa travessia. A cartografia nos ajuda a mapear o caminho deste lugar de sonho.

#### Lugar

Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?  
Depende bastante de para onde quer ir, respondeu o Gato.  
Não me importa muito para onde, disse Alice.  
Então não importa que caminho tome, disse o Gato.  
Contanto que eu chegue a algum lugar, Alice acrescentou à guisa de explicação.  
Oh, isso você certamente vai conseguir, afirmou o Gato, desde que ande o bastante.” (CARROLL, 2002, p. 63).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela UFSJ – Universidade Federal de São João del Rei. E-mail: [tinhopel@yahoo.com.br](mailto:tinhopel@yahoo.com.br).



Figura 1: ilustração por Jonh Tenniel. (Fonte: CARROLL, 2013, p. 40).

Estamos caminhando, construindo nosso mapa, nossa travessia. O lugar de chegada não sabemos ao certo, não é pré-determinado. A pesquisa com a cartografia se constrói no caminho, na travessia, no encontro, na aventura. É preciso andar bastante, não há um caminho certo ou errado. Estamos ocupando o território:

Por isso a ocupação de um território numa pesquisa não pode ser iniciada com um problema fechado, sabendo de antemão o que se busca. Tal posicionamento fecha o encontro com a alteridade do campo territorial, permitindo muitas vezes só encontrar o que já se sabia, ou, o que é muito pior, não enxergando nada além dos seus conceitos e ideias fixas. Portanto, para o aprendiz-cartógrafo, o campo territorial não tem a identidade de suas certezas, mas a paixão de uma aventura. (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2012, p. 138)

Não sabemos de antemão o que buscamos, estamos experimentando, nos aventurando. Uma aventura pelo “País das Maravilhas” e “Através do Espelho”. Nossa aventura tem caminhos a serem mapeados, cartografados, atravessados, inventados. Nessa aventura estamos rastreando as imagens, a filosofia, a literatura, a educação e a formação de professores. Como eles se encontram nessa travessia?

### **Rastros-pistas**

Olhando no mapa que tinha no bolso não encontro o País das Maravilhas. Logo percebo que vou ter que criar um mapa. Conto com a ajuda da cartografia para construir meu mapa, para habitar este território, encontrar pistas, experimentar os caminhos, inventar trilhas. O mapa do processo de experimentação do “País das Maravilhas”.

Alice é a personagem principal das duas histórias criadas por Lewis Carroll: “Aventuras de Alice no País das Maravilhas” (1865) e “Alice Através do Espelho e O Que Ela Encontrou

Por Lá” (1871). Lewis Carroll é o pseudônimo criado por Charles Lutwidge Dodgson, professor da faculdade de Oxford, na Inglaterra Vitoriana. Charles era professor de matemática, mas suas aulas eram enfadonhas. Um de seus amigos e colegas de trabalho era o Deão Liddell. Os dois tinham uma convivência próxima, costumavam passear com as filhas do Deão Liddell. Uma das meninas se chamava Alice, era pela qual Charles tinha maior afeição e afinidade.

Charles adorava meninas, e seu passatempo favorito era criar brincadeiras e contar histórias para entretê-las. Um dia saíram para passear de barco pelo rio, durante a viagem as meninas pediram a Charles que lhes contasse uma história “sem pé nem cabeça”. Assim, começou a contar o que se tornaria um clássico da literatura, especialmente a literatura nonsense.

Alice pediu que Charles escrevesse para ela a história que contara neste dia. Ele então entregou para Alice um manuscrito. Atendeu ao pedido da menina de escrever a história que contara oralmente. No manuscrito ele incluiu novos personagens e novos episódios da história. Alguns amigos também leram o manuscrito e o incentivaram a publicar a história, assim, três anos após o passeio de barco, em 1865, Charles publicou as “Aventuras de Alice no País das Maravilhas”, com o pseudônimo de Lewis Carroll. Três anos depois da primeira publicação, em 1871, publicou a continuação da história: “Alice Através do Espelho e O Que Ela Encontrou Por Lá”.

As histórias de Alice contam com elementos do cotidiano do autor. Charles era professor de matemática, e com Alice, fez uma crítica aos costumes de sua época e seu cotidiano, usou seus conhecimentos científicos para criar um mundo “sem pé nem cabeça”, classificado com nonsense-“sem sentido”. A princípio a história de uma menina que segue um coelho que usa colete, tem um relógio de bolso e corre por dizer estar atrasado, cai em uma toca, encontra seres como um gato que aparece e desaparece, um chapeleiro louco e uma rainha que sempre ordena cortar a cabeça de quem a contraria, realmente não faz nenhum sentido no mundo em que vivemos.



Figura 2: ilustração por John Tenniel. (Fonte: CARROLL, 2013, p. 43).

Mas é um sonho, uma fantasia, um conto de fada. Não tem príncipe encantado e Alice não é princesa, mas torna-se rainha. Vamos sonhar, entrar nessa aventura, conhecer Alice, andar com ela, conhecer seus amigos, nos conhecer. Uma aventura de conhecimentos, aprendizados, o que esta aventura, este lugar, estes personagens podem nos ajudar a conhecer, a aprender?

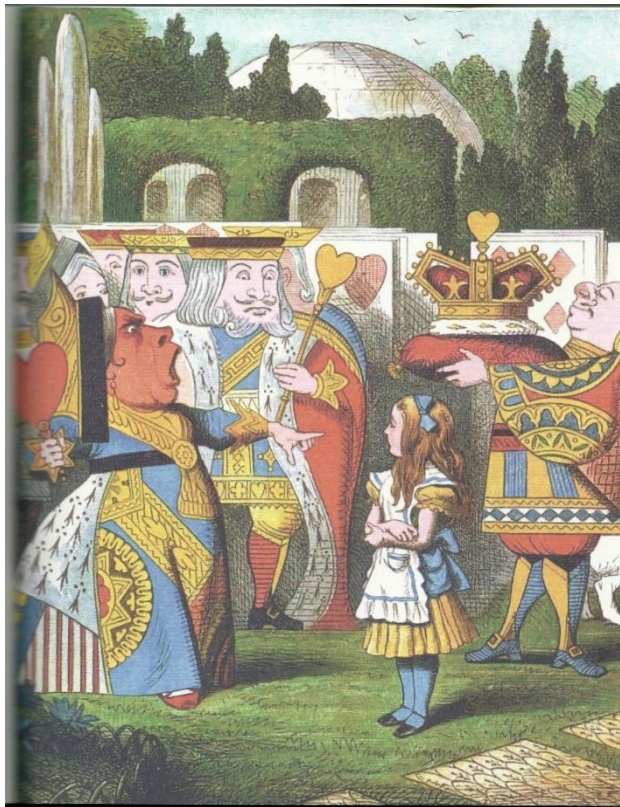


Figura 3: ilustração Jonh Tenniel. (Fonte: CARROLL, 2013, p. 47).

Nonsense – “sem sentido”, vamos “dar sentidos” ao nosso caminho à medida em que passar por ele, no processo vamos encontrar as pistas para fazer nossa trilha, desenhar nosso mapa.

Tentamos estabelecer uma relação com Alice e a educação:

Pobre, pobre Alice! lamentou G. K. Não só a apanharam e a fizeram estudar lições; foi forçada a infligir lições a outros. Alice é agora não só uma aluna como uma professora. (GARDNER apud CARROLL, 2002, p. vii).

Não queremos forçar Alice a infligir lições, vamos contar com sua companhia, aprender junto com ela. O autor desta história era professor na universidade de Oxford, conhecia bem o meio acadêmico, com todas as suas mais rígidas tradições. Era professor de matemática, uma matéria que até hoje gera grandes dificuldades entre os alunos, do ensino fundamental ao ensino superior.

Os motivos íntimos das excentricidades do reverendo Charles Lutwidge Dodgson podem ser obscuros, mas os aspectos exteriores de sua vida são bem conhecidos. Por quase meio século trabalhou e residiu no Christ Church, a faculdade que foi a alma mater de Oxford. Durante mais da metade desse período foi professor de matemática. Suas aulas eram insípidas e enfadonhas. (GARDNER, apud CARROLL, 2002, p. ix).

Com Alice, Charles/Carroll torna o mundo mais leve, o sonho, a imaginação, o nonsense, proporciona uma liberdade de inventar novas possibilidades, personagens, regras, ele inventa um mundo sem regras:

Há muito a dizer em favor do apelo de Chesterton para que não se levasse Alice a sério demais. Mas nenhuma piada tem graça a menos que se possa entendê-la, e às vezes o sentido tem de ser explicado. No caso de Alice, estamos lidando com uma espécie de nonsense muito curioso, complicado, escrito para leitores britânicos de um outro século, e precisamos conhecer um grande número de coisas que não fazem parte do texto se quisermos apreender todo seu espírito e sabor. É até mais grave que isso, porque algumas das piadas de Carroll só podiam ser compreendidas por quem residia em Oxford, e outras, ainda mais privadas, só estavam ao alcance das encantadoras filhas do deão Liddell. (GARDNER, apud CARROLL, 2002, p. vii).

Alice também tem espaço para a loucura:

Naquela direção, explicou o Gato, acenando com a pata direita, vive um Chapeleiro; e naquela direção, acenando com a outra pata, vive uma Lebre de Março. Visite qual deles quiser: os dois são loucos.

Mas não quero me meter com gente louca, Alice observou.

Oh! É inevitável! Disse o Gato; somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.

Como sabe que sou louca? Perguntou Alice.

Só pode ser, respondeu o Gato, ou não teria vindo parar aqui. (CARROLL, 2002, p. 63).

Alice não quer se meter com gente louca, a loucura não é bem vista em nenhuma sociedade. Mas agora estamos neste lugar, “somos todos loucos”. Um louco é capaz de escapar das regras, ele tem suas próprias regras. Isso talvez possa nos ajudar, nossa aventura neste lugar, de sonho, de fantasia, de loucura, podemos então inventar!

A invenção é uma potência que a cognição tem de diferir de si mesma. Ela não é um processo psicológico a mais, além da percepção, do pensamento, da aprendizagem, da memória ou da linguagem, mas é uma potência temporal, potência de diferenciação, que perpassa todos os processos psicológicos. Colocando o problema da cognição a partir da invenção, falaremos então de uma percepção inventiva, de uma memória inventiva, de uma linguagem inventiva e – o que é de particular interesse aqui – de uma aprendizagem inventiva. Cabe ainda ressaltar que a invenção não é um processo que possa ser atribuído a um sujeito. A invenção não deve ser entendida a partir do inventor. O sujeito, bem como o objeto, são efeitos, resultados do processo de invenção. (KASTRUP, 2005 p. 1274).

Kastrup se refere especialmente a uma aprendizagem inventiva, ela vai nos ajudar no nosso processo, a desenhar nosso mapa neste caminho. Somos efeitos resultados do processo, um processo de devir, de tornar-se. Alice torna-se rainha, eu estou no processo de formação de professores, estou me tornando professora.

Como esta história pode ajudar no meu processo de formação? O nonsense não tem “pé nem cabeça”, começo-fim, é processo, é devir. Alice está em constante processo de mudança, ela acha tudo muito estranho neste lugar:



Figura 4: ilustração por Jonh Tenniel. (Fonte: CARROLL, 2013, p. 32).

Quem é você? perguntou a lagarta.  
Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então. (CARROLL, 2002, p. 45).

As mudanças estão presentes nesse processo. Mudanças de tamanho, de pensamentos, de regras, não ser a mesma pessoa, estar em constante processo de mudança de aprendizado, de inventar novas maneiras, processo de formação, devir.

O que podemos inventar com Alice?



Figura 5: ilustração por Adriana Peliano. (Fonte: CARROL, 2015, p. 19).

Nesta aventura podemos seguir vários caminhos, literatura, imagens, filmes, filosofia, educação, formação de professores. Eles se encontram em vários pontos, às vezes podemos caminhar por dois ou mais deles ao mesmo tempo. Estão todos no mapa. A literatura é a base em que a história de Alice foi criada, de uma história oral, que passou a ser um livro com diálogos e figuras:

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livros que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, - e de que serve um livro, pensou alice, sem figuras nem diálogos? (CARROLL, 2002, p. 11).

As imagens fazem parte da história. Um século e meio depois de sua publicação, ela foi traduzida e reescrita por diversos autores de diversas nacionalidades e línguas. Além dos livros, essa história se desdobra em peças de teatro e filmes, sendo a mais conhecida e que contribuiu para a divulgação mundial, foi a animação feita pelos estúdios Disney em 1951.

Em um dos caminhos encontramos a filosofia. O filósofo francês Gilles Deleuze, publicou um livro que faz um estudo com Alice: “A Lógica do Sentido”, é com Deleuze também que nos guiamos nos caminhos desta louca aventura inventada, para construir nosso mapa vamos usar o conceito de Deleuze de Cartografia.

Os caminhos da educação e da formação de professores nos levam a inventar, como diz Kastrup, a uma aprendizagem inventiva. Alice é uma menina no início de sua vida escolar, Carroll, é um professor universitário, podemos aprender com os dois, uma é aluna, o outro é professor. Temos a oportunidade de trilhar os caminhos da aprendizagem e do ensino, o que é ser aluno, o que é ser professor? Para ser professor, precisa ser aluno, como formar professor? Os processos, os caminhos que vamos percorrer, as mudanças, estamos em um devir, em um tornar-se.

Através do espelho, Alice encontra com Humpty Dumpty. Nesse encontro, eles conversam sobre significados: “- quando eu uso uma palavra, disse Humpty, ela significa exatamente o que quero que signifique. – a questão é, disse Alice, se pode fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes. – a questão disse Humpty, é saber quem vai mandar.”.

A questão é saber quem vai mandar. Quem manda pode então dar o significado. Nesse trabalho estamos rastreando Alices. A história é classificada como nonsense – sem sentido. Estamos vendo em Alice polisenses – muitos sentidos. Nós é que mandamos. Nós que inventamos os sentidos. Alice se apresenta para nós como trans-aberta, pode tornar-se, pode devir.



Figura 6: experimentação de Heloisa (Fonte: arquivo pessoal da autora).

Assim, perambulando com Alice, pelo País das Maravilhas e Através do Espelho, vamos construindo nosso mapa, cartografando nosso rizoma em conexões, com pregadores – que não são pregos, são pregadores com molas que se fecham e se abrem à medida que novas possibilidades e necessidades se apresentam. Alice tem nos acompanhado nessa trajetória, nesse devir, no tornar-se. A companhia de Alice tem contribuído com as nossas reflexões com imagens, literatura, educação e formação de professores.

### **Referências**

CARROLL, Lewis. GARDNER, Martin. *Alice*. Edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CARROLL, Lewis. *Alice no Jardim de Infância*. Iluminuras, 2013.

CARROLL, Lewis. *Alice: edição comemorativa – 150 anos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educação & Sociedade*. Dossiê "Entre Deleuze e a Educação". n. 93, v. 26. Campinas: CEDES/Unicamp, 2005.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.